

## AS FACES D'A RAPOSA E AS UVAS

*Livy Maria Real Coelho'*

### RESUMO

A crítica comumente vê como textos de valor menor os que retomam fortemente a tradição literária. Falamos aqui especificamente de textos que podem ser considerados releituras ou adaptações de outros. Encararemos neste trabalho tais criações através da ótica da *imitatio* latina, conceito estético que prevê antes a imitação, *i.e.*, a adaptação do cânone a uma cultura específica, do que a criação original. Acreditamos que essa ótica promove uma melhor leitura desses textos, já que o conceito de originalidade não era almejado pelos autores em questão. Para tratar dessa questão, escolhemos o gênero fabular, especificamente versões da fábula *A raposa e as uvas*, por acreditarmos que nesse gênero essas releituras são mais frequentes.

**Palavras-chave:** *Imitatio*. Tradição literária. *A raposa e as uvas*. Fábula

### INTRODUÇÃO

A idéia de que a tradição literária pode ser vista como inesgotáveis recriações de modelos pré-existentes é bem aceita pelos estudiosos. Até mesmo em autores como James Joyce e Edgar Allan Poe, renomados por sua extrema originalidade, é possível encontrar inúmeras características que nada mais são do que releituras da tradição. E tal evolução da literatura, bem como de todas as artes e ciências, não poderia deixar de ser assim uma constante releitura do passado, já que mesmo o rompimento com a tradição necessita de alguma intertextualidade.

No entanto, muitas obras em que a semelhança com um modelo já existente vai muito além de traços, são consideradas como de menor valor. Tendo em vista que olhar para o passado é inevitável, o julgamento das obras não deve considerar que traços que remontem ao passado são vestígios de uma falta de originalidade do autor, ou ainda, de plágio<sup>2</sup>. Entendemos que tais releituras podem ser vistas através do princípio latino da *imitatio*.

A *imitatio* era uma prática comum no mundo antigo e consistia no “estudo e aproveitamento conspícuo de características reconhecíveis do estilo ou conteúdo de um autor canônico, a fim de definir uma afiliação própria de gênero” (HORNBLOWER, S. e SPAWFORTH, 1999 apud FUJIHARA, 2006). Para a literatura romana, os valores pré-existentes, gregos no geral, deveriam ser seguidos, adaptados ao seu mundo e seus valores e, quando muito, melhorados.

Parece-nos, no entanto, que essa prática – e mais, essa visão da crítica sobre os traços gregos na literatura romana – pode ser estendida ao analisarmos a literatura. Entendemos que, em última análise, até mesmo o rompimento com o passado e a busca por originalidade é fruto de uma prática com raízes na *imitatio*. Afinal, a tradição em questão sempre é revisitada, mesmo que para ser negada *a posteriori*. Por fim, acreditamos que talvez não haja gênero literário onde essa releitura aconteça em tamanha escala como ocorre na *fábula*.

Neste trabalho confrontaremos versões da fábula *A raposa e as uvas* sob essa perspectiva que encontra nas releituras antes uma interessante adaptação a uma cultura específica do que plágio. Pretendemos com essa análise mostrar como diferentes culturas e momentos lêem de forma diversa a mesma história. Na medida do possível, trataremos também de elucidar parte da evolução dos valores, sociais e literários, além de verificar elementos que caracterizariam o autor, mesmo quando esse recria.

## 1 FÁBULA

Antes, porém, de iniciarmos essa análise, apresentaremos algo relativo ao gênero *fábula*, tão esquecido por antologias e compêndios de literatura. As fábulas, provavelmente, vêm do fundo anônimo da sabedoria popular e desde muito são recolhidas por diferentes autores que, com base em seu tempo e estilo, as escrevem e reescrevem. Desse modo, algumas têm atualmente inúmeras versões.

A fábula como gênero literário é comumente entendida como “uma narrativa alegórica em prosa ou em verso, cujos personagens são geralmente animais, que conclui com uma lição moral”(NOVA BARSA, 1998, v. 6, p. 178). É necessário ressaltar também que o ensinamento moral da fábula pode ser “explicitado no começo ou no fim ou implícito no corpo da narrativa.” (PORTELLA, 1983, p. 123).

Essa rápida definição parece-nos ser suficiente para este trabalho, já que não pretendemos esmiuçar as tênues diferenças entre fábula, parábola, anedota e outros gêneros, ou sub-gêneros que partilham características com a fábula. Não buscaremos assim delimitar o que é uma fábula, mas somente apontar características básicas do gênero e possíveis razões para o esquecimento desse por parte de materiais didáticos e manuais de literatura.

Acreditamos que essa falta de menção às fábulas se deve em grande parte ao caráter híbrido que trazem, não só em sua forma, mas também em seu conteúdo, graças a sua transitividade dentro da prosa, poesia, narrativa, texto didático, etc. Antologias literárias buscam, em geral, apresentar, de forma concisa, traços e textos básicos, não havendo assim espaço para as gêneros híbridos.

Outro possível motivo para esse abandono é a divergência sobre o gênero que a pouca crítica existente traz. Atualmente, o gênero, quando discutido, não é tratado com desdém, seja pelo reconhecimento de suas qualidades, seja pela postura contemporânea da crítica. No entanto, nem sempre foi assim. Para Aristóteles, por exemplo, as fábulas foram tidas como um subgênero da oratória, já que essas serviriam antes para educar e convencer do que para deleite estético. O filósofo via nas fábulas algo menos elevado, já que essas não trariam sua estrutura necessariamente organizada, e discutiu o gênero não em sua *Arte poética*, mas em *A retórica*.

Quanto às características do gênero, começemos pela linguagem fabular. Podemos afirmar que essa é, *grosso modo*, enxuta e direta. Na fábula, principalmente na clássica, não são ditas palavras em vão e mesmo sendo constituída de imagens e linguagem figurada, não cai jamais no vazio.(PORTELLA, 1983, p. 131).

Tão objetiva como a linguagem na fábula é a escolha de seus personagens. Seu caráter rápido, direto e de fácil assimilação exige que seus pouquíssimos personagens sejam, na realidade, *tipos*, caricaturas de determinada qualidade ou defeito. Para que não seja preciso uma demorada caracterização dos personagens, o autor de fábulas geralmente se vale de animais, que, por tradição, já apresentam determinada característica como traço principal de

personalidade. Temos, por exemplo, “o prepotente”, “o ingênuo”, “a esperta”, como as figuras do leão, do cordeiro e da raposa.

Por fim, parece-nos interessante notar a aparente necessidade que o homem tem da fábula. Independente do espaço que ela tenha na crítica literária, o gênero pode ser encontrado em inúmeras, se não em todas, as culturas em todas as épocas. Como explicação para tal “necessidade”, evitamos pensar na busca do homem por uma explicação ao desconhecido, pois neste trabalho aceitamos *fábula* e *mito* como gêneros diferentes. Porém, ainda assim, encontramos um possível motivo para esse gênero ser quase que uma exigência do homem: a necessidade didática de tornar a verdade mais doce e sutil e assim dar aos homens uma lição de moral indireta e de caráter mais leve. “Da boca de uma raposa, ou de um corvo, de um cordeiro ou de um leão, o homem não se nega a ouvir verdades ou lições que a princípio parecem não ser dirigidas a ele, mas, aos poucos, agem sobre seu subconsciente e, quando o homem menos espera, está frente a frente com elas” (PORTELLA, 1983, p. 126).

## 2 RAPOSA, UVAS E MORAL

Trataremos aqui especificamente das versões de *A raposa e as uvas* nas leituras de Esopo, Fedro, La Fontaine, James Joyce, Monteiro Lobato, Millôr Fernandes, Jô Soares, Ruth Rocha e Reginaldo Rossi.

De acordo com a versão inicial de Esopo, uma raposa faminta se frustra por não alcançar as uvas em uma alta parreira e desculpa-se alegando que as uvas, inatingíveis para ela, estariam verdes, portanto azedas e inutilizáveis. Nessa versão aparece o que chamaríamos de desdém. Sem poder alcançar seu objeto de desejo, a raposa não assume sua incapacidade e prefere iludir-se na autodefesa. A objetividade com que alega não querer mais as uvas e a impossibilidade de o leitor afirmar se, de fato, ela pensava assim ou não, é o que traz aceitabilidade ao argumento do animal. Porém quando observada a importância da moral em Esopo – presente em todas as suas fábulas –, o fato de o autor explicitar que a raposa era incapaz nos mostra que de fato as uvas não foram atingidas somente por ser a raposa incapaz de pegá-las. Podemos, em uma leitura que aproxime o texto ao mundo grego, ver em seu argumento falácias lógicas - muito próximas à sofisticada - que, por fim, livram o animal da tensão conflitiva sem que esse tenha que admitir preguiça, incompetência ou fracasso.

Enquanto em Esopo a reação às uvas é baseada na racionalização e na autodefesa, outras versões dessa fábula abrem criativamente a possibilidade do não-conformismo com as incapacidades humanas. Como veremos, é possível que nossa contemporaneidade permita outras soluções para o fracasso e, mais ousadamente, mudanças na moral que a fábula traz.

Nessa versão, encontram-se traços de uma sabedoria que serviu aos antigos como modo para explicarem a vida e a natureza humana. Embora a fábula se mantenha atual, veremos, mais para frente, que o homem, influenciado pela moral de sua época, procura reformular uma história já conhecida, tornando-a mais aceitável e digerível e chega muitas vezes a mudar a perspectiva e os valores apresentados pela versão primeira.

## 3 AS VERSÕES CLÁSSICAS

Como vimos, uma fábula pode se distinguir dos demais gêneros metafóricos e/ou simbólicos pela presença *do animal*, colocado em situação humana e exemplar. No entanto,

essas são características prototípicas da fábula, não sendo regras imutáveis, como também não é regra o modo de narrá-la.

A estrutura da fábula pode ser dividida em duas: a narrativa e a moral, ou ainda, segundo La Fontaine, em corpo e alma, respectivamente. Apesar de toda fábula trazer obrigatoriamente esses dois aspectos, a diferença quanto à importância dada a cada um deles varia de acordo com o texto, o autor ou, ainda, quanto à época.

Ao contrário dos escritores clássicos, os textos modernos dão maior valor ao corpo da fábula, deixando muitas vezes a moral do texto de tal modo obscura, que será função do leitor – e de seus próprios valores - depreendê-la do texto. Tal evolução tornar-se-á explícita quando compararmos mais adiante Esopo e Millôr Fernandes, por exemplo. Vejamos então cada uma das versões que já citamos.

### 3.1 ESOPPO

#### *A Raposa e as Uvas*

*Uma raposa estava com muita fome e viu um cacho de uvas numa latada. Quis pegá-las, mas não conseguiu. Ao se afastar, disse para si mesma:*

*Estão verdes.*

*O homem que culpa as circunstâncias fracassa e não vê que o incapaz é ele mesmo.* (ESOPO, 1997, p.132)

As fábulas de *Esopo* têm como características a concisão e a objetividade, o que as aproxima das narrativas atuais. A *efabulação* inicia-se de imediato com o motivo central da história e os acontecimentos se sucedem num ritmo acelerado.

Esopo traz uma moral explícita e sua importância em relação ao corpo da fábula pode ser notada quando comparamos a extensão da história e da moral. Apesar de essa depender do corpo da fábula, tem extensões muito semelhantes. Em relação a Esopo, não muito mais podemos discorrer, já que é incerto seu tempo e conseqüentemente seus valores sociais e literários. Até mesmo a existência do autor é questionada por classicistas já que, além de não termos dados confiáveis de sua vida, suas fábulas chegaram a nós através de um compêndio realizado por Demétrio de Falera, em 325 a.C.

### 3.2 FEDRO

#### *A Raposa e as Uvas*

*O soberbo finge desprezar o que não pode conseguir.*

*Faminta, uma raposa bracejava  
Para d'úvas um cacho agadanhar  
D'alta parreira que sobre ela estava,  
E neste afã pulava a bom pular.  
Como, porém, baldado fosse o intento  
De atingir o manjar que a seduzia,  
Parou cansada, e neste quebrantamento  
Foi-se afastando, enquanto assim dizia:  
- "Inda bem que estão verdes; não as quero:"*

*Travam como de fel; não as tolero.”*

*Aqueles que impropeream maldizentes  
Do que fazer não podem, neste espelho  
Deverão remirar-se, conscientes*

*De haverem desprezado o bom conselho. (FEDRO, 2001, p. 145)*

Fedro, como Esopo, também enuncia a moral, acusando as pessoas que tratam com desdém o que não podem alcançar. Temos, no entanto, como principal diferença entre os textos latino e grego, a linguagem rebuscada, inversões cuidadosas e rima. No original latino, Fedro usa de métrica e ritmo (não fazendo uso de rimas, já que esse é um recurso desconhecido aos antigos romanos) e o tradutor opta por usar uma linguagem rebuscada e rimas para transpor à nossa cultura o grau de elaboração que essas fábulas carregariam na língua latina.

Nesse ponto, gostaríamos de observar especialmente a questão da *sententia*, provérbio latino que encerra a fábula “*Qui, facere quae non possunt, uerbis eleuant, adscribere hoc debebunt exemplum sibi.*”<sup>3</sup> Esse mote aparece muito fortemente na cultura romana, porém infelizmente não temos dados históricos suficientes para inferir se esse era já um provérbio e Fedro utilizou-o na fábula ou se, por ter sido usado pelo autor, a máxima se difundiu. Acreditamos ser a última possibilidade mais plausível, já que a *sententia* cabe exatamente na métrica usada pelo fabulista, no entanto não podemos saber nada com certeza.

### 3.3 LA FONTAINE

*A Raposa e as uvas*

*Certa raposa astuta, normanda ou gascã,  
quase morta de fome, sem eira nem beira,  
andando à caça, de manhã,  
passou por uma alta parreira  
carregada de cachos de uvas bem maduras.  
Altas demais - não houve impasse:*

*"Estão verdes. . . já vi que são azedas, duras. . ."  
Adiantaria se chorasse? (LA FONTAINE, 1989, p. 211)*

La Fontaine historicamente se apresentava através de textos cifrados que denunciavam misérias, desequilíbrios e injustiças sociais de seu período, tal qual seus antecessores Fedro e Esopo. No entanto, aqui a alegoria e a simbologia atribuída aos animais ganham mais ênfase, e sua estrutura é enriquecida. Aumenta-se também o apreço pela musicalidade e pela graça formal, provavelmente porque é com La Fontaine que a fábula passa a ser literatura infantil. Em decorrência dessa mudança de público-alvo, ocorrida pela dedicatória que La Fontaine faz no início de sua obra ao Delfim<sup>4</sup>, artifícios com prováveis objetivos de prender a atenção das crianças são usados. Notamos já em Fedro certa acuidade com a forma da fábula, no entanto não na mesma proporção que encontramos no francês.

## 4 VERSÕES DA ATUALIDADE

Além da mudança no modo de narrar, notamos diferenças no desfecho da fábula e da moral, que é, agora, relativizada. Surgem as diferentes verdades que, em determinado momento, se adaptam aos interesses de cada um, expressando uma possível mudança de valores sociais nos séculos<sup>5</sup>. Nas versões atuais, as fábulas são encontradas em diferentes e criativas formas de linguagem, o que explicita também a mudança de valores literários da época.

### 4.1 JAMES JOYCE

Não transcreveremos aqui o texto de Joyce, devido à sua extensão. Em meio à complexa e onírica narrativa de *Finnegans Wake* - Finnicius Revém na tradução de Donald Schüler - o narrador dispõe-se a contar a um “bando de moleques farejadores, pescoços de ganso, clotomentados enredados em seus nós, calças borradas[...]” uma fábula, já que esse é o “método mais expletivo a que freqüentemente recorro quando se trata de sermonear a alunes de crasse-múdia.”

O narrador expõe um longo diálogo entre *Rapomposo* e o *Uivas*, personagens que representam os dois irmãos da família retratada na obra. Apesar de um dos irmãos esquivar-se da briga, é a mãe deles (ou talvez a irmã) que resolve o problema: “E veio para cá da margem uma mulher de maior importância (...), recolheu o Uivas”.

Mesmo sendo salvo da briga, o irmão representado pelo *Uivas* não escapou das represálias da mulher, e Joyce, retomando a fábula, conclui: “Vês assim que o Rapomposo tinha razão como eu sabia e como você sabia e ele sabia enfim.(...) E foi assim que o pobre Uivas sofreu injustiça; porque assim que o Uivas é, sempre foi e sempre será. Nunca estiveram tão pensativos os dois, nenhum dos dois.”

Com esses trechos, notamos como terminou a fábula de Joyce, e ainda quão diferente é da original. Nesse caso, não só a raposa fala, mas também as uvas; isso nos causaria algum espanto se essa fosse uma fábula “normal”, afinal faz parte da verossimilhança fabular que animais falem, e não vegetais. No entanto, por esse ser um trecho joyceano e especialmente dessa obra, as uvas falarem é perfeitamente cabível.

Também diferente dos demais é a moral que Joyce expõe. Distanciando-se do desdém e da gula, o autor frisa as características individuais de cada ser e sua imutabilidade: “porque assim que o Uivas é, sempre foi e sempre será”.<sup>6</sup>

### 4.2 MONTEIRO LOBATO

#### *A Raposa e as Uvas*

*Certa raposa esfaimada encontrou uma parreira carregadinha de lindos cachos maduros, coisa de fazer vir água à boca. Mas tão altos que nem pulando. O matreiro bicho torceu o focinho.*

- *Estão verdes - murmurou. - Uvas verdes, só para cachorro.*  
*E foi-se.*  
*Nisto deu o vento e uma folha caiu.*  
*A raposa ouvindo o barulhinho voltou depressa e pôs-se a farejar. . .*  
*Quem desdenha quer comprar. (LOBATO, 1994, p.58)*

Monteiro Lobato, em seu livro *Fábulas* (1922), de forma original, expõe a atitude da raposa: estende a narrativa da fábula, comprovando que realmente o animal comeria as uvas se pudesse. A explicitação, e conseqüente facilitação do entendimento da moral pelo leitor, pode dever-se ao público infantil que Lobato tinha em vista. Diferente de outras versões mais recentes, aqui a interpretação do leitor não tem papel fundamental para o valor expresso pela fábula: o autor, ao fazer a raposa voltar e procurar as uvas que poderiam ter caído com o vento, não deixa dúvidas quanto à incapacidade do animal, de suas ações e de seus sentimentos em relação a isso.

### 4.3 MILLÔR FERNANDES

#### *A Raposa e as uvas*

*De repente a raposa, esfomeada e gulosa, fome de quatro dias e gula de todos os tempos, saiu do areal do deserto e caiu na sombra deliciosa do parreiral que descia por um precipício a perder de vista. Olhou e viu, além de tudo, à altura de um salto, cachos de uvas maravilhosos, uvas grandes, tentadoras. Armou o salto, retesou o corpo, saltou, o focinho passou a um palmo das uvas. Caiu, tentou de novo, não conseguiu. Descansou, encolheu mais o corpo, deu tudo que tinha, não conseguiu nem roçar as uvas gordas e redondas. Desistiu, dizendo entre dentes, com raiva: "Ah, também, não tem importância. Estão muito verdes." E foi descendo, com cuidado, quando viu à sua frente uma pedra enorme. Com esforço empurrou a pedra até o local em que estavam os cachos de uva, trepou na pedra, perigosamente, pois o terreno era irregular e havia o risco de despencar, esticou a pata e. . . conseguiu ! Com avidez colocou na boca quase o cacho inteiro. E cuspiu. Realmente as uvas estavam muito verdes !*

*MORAL: A FRUSTRAÇÃO É UMA FORMA DE JULGAMENTO TÃO BOA COMO QUALQUER OUTRA. (FERNANDES, 1978, p.65)*

Millôr Fernandes, por sua vez apresenta uma versão modificada de *A raposa e as uvas*, alterando tanto o desfecho, quanto a moral da fábula. A possibilidade de olhar para a mesma história e ver elementos divergentes mostra uma possível mudança, ou relativização, dos valores entre as distantes épocas.

É interessante notar que, diferente das fábulas anteriores, aqui a Raposa segue seu objetivo até o final, para então perceber que seria melhor não ter insistido. Em outras fábulas o animal é malvisto por desistir de seus objetivos – ou ainda por não assumir suas incapacidades –, já aqui, Millôr continua vendo-o negativamente, não por ter desistido, mas por não ter confiado no seu julgamento anterior, trazido pela frustração.

### 4.4 JÔ SOARES

*Desfabulando*  
*A Raposa e as Uvas*

*Passava certo dia uma raposa perto de uma videira. Apesar de normalmente nunca se alimentar de uvas, pois se trata de um animal carnívoro e não vegetariano - o que nos faz desconfiar um pouco da fábula original -, sua atenção foi chamada pela beleza dos cachos que reluziam ao sol. Fenômeno estranhíssimo, uma vez que, geralmente, para desespero dos ecologistas, dos adeptos de alimentos naturais, toda fruta cultivada é revestida por uma fina camada protetora de inseticida e dificilmente pode refletir a luz solar com tal intensidade. Sendo curiosa e matreira como toda a raposa matreira e curiosa, aproximou-se para melhor observar a videira. Os cachos estavam colocados muito acima de sua cabeça, e o animal (sem insulto) não teve oportunidade de prová-los, mas, sendo grande conhecedor de frutas, bastou-lhe um olhar para perceber que as uvas não estavam maduras.*

*"Estão verdes" - disse a raposa, deixando estupefatos dois coelhos que estavam ali perto e que nunca tinham visto uma raposa falar. (SOARES, 1992)*

Aqui, tem-se mais um exemplo da fábula onde a raposa não consegue as uvas. No entanto, Jô usa a ironia de tal forma que é possível ao leitor tanto acreditar na veracidade do argumento da Raposa, como repudiá-lo acreditando ser esse fruto do desdém do animal.

É relevante o papel da ironia - recurso não utilizado pelos clássicos, por buscarem a rapidez e a objetividade - pois é ela que, mais uma vez, relativiza a moral. No texto de Jô Soares podemos até mesmo discutir se, realmente, há uma moral. O autor constrói o texto de tal forma que não sabemos se houve desdém por parte da Raposa. Essa incerteza desconstrói uma idéia exata e objetiva da incapacidade do animal. É também interessante notar como há a “desfabulação” nessa releitura: Jô, ao questionar elementos típicos da fábula – como os animais falarem e a voracidade da raposa pelas uvas – traz graça ao texto, que perde o efeito moral típico do gênero.

Por razões como essas, acreditamos que essa releitura é melhor entendida se a olharmos como uma *paródia* e não como uma releitura, como é a proposta da *imitatio*. Aqui, o autor não procura o modelo para imitá-lo ou para trazê-lo ao seu tempo. Parece procurá-lo para provocar o riso, seja baseado na estrutura da fábula – o que notamos quando o autor desmistifica características típicas do gênero -, seja baseado nos traços da sociedade atual – que tirariam a universalidade da fábula. Por exemplo, para Esopo, as frutas poderiam reluzir ao Sol, já que não havia ainda pesticidas.

#### 4.5 REGINALDO ROSSI

*A raposa e as uvas*  
*Lembro com muita saudade daquele bailinho,*  
*quando a gente dançava bem agarradinho*  
*Onde a gente ia mesmo é prá se abraçar,*  
*você com laquê no cabelo e um vestido rodado*  
*aquelas anáguas com tantos babados,*  
*e você se sentava só prá me mostrar*



*E tudo o que a gente transava eram três, quatro cubas  
 Eu era a raposa e você as uvas,  
 eu sempre querendo  
 Teu beijo roubar, e por mais que você se esquivasse  
 Eu tinha certeza que no fim do baile, na minha lambreta  
 Aquele broto ia me abraçar  
 Quando a orquestra tocava "Besame mucho",  
 eu lhe apertava e olhava o seu busto  
 Dentro do corpete querendo pular.  
 Eu todo cheiroso à "lancaster" e você à "chanel"  
 Eu era menino, mas fazia o papel  
 do homem terrível só prá lhe agradar  
 E tudo o que a gente transava eram três, quatro cubas  
 Eu era a raposa e você as uvas,  
 eu sempre querendo  
 Teu beijo roubar, e por mais que você se esquivasse  
 Contento prá casa eu ia te levar,  
 e ao chegar em tua casa, em frente ao portão  
 Um beijo, um abraço, minha mão, tua mão,  
 com medo que o velho pudesse acordar  
 A pilula já existia, mas nem se falava,  
 pois dos muitos conselhos que tua mãe te dava  
 Tinha um que dizia: "só pode depois que casar"  
 (Reginaldo Rossi, *A Raposa e as Uvas*, do disco *A Raposa e as Uvas*)*

Na música de Reginaldo Rossi, cantor e compositor considerado o “rei do brega”, temos antes uma alusão à fábula do que uma imitação ou releitura. O intérprete usa a já conhecida fórmula *raposa e uvas* para representar o objeto desejado – a garota, representada pelas uvas - e o personagem que almeja algo sem conseguir – no caso, o próprio eu-lírico, representado pela Raposa. É interessante notar como é utilizada a fábula: essa, por ser bem conhecida por todo o público-alvo da música, representa toda uma situação com a simples menção aos seus personagens. Em todas as versões já apresentadas a intertextualidade era claríssima, porém, nesse caso, além de clara ela é necessária, *i.e.*, o leitor não compreenderia a música e a alusão à fábula sem o conhecimento prévio de uma das versões clássicas da história. Esse texto também difere dos outros quanto à reação da Raposa: em todos os textos onde ela não alcançara as uvas, desdenha-as, aqui não: nem o objetivo alcançado, nem a menina desdenhada.

#### 4.7 RUTH ROCHA

##### *A raposa e as uvas*

*Uma raposa passou por baixo de uma parreira carregada de lindas uvas. Ficou logo com muita vontade de apanhar as uvas para comer. Deu muitos saltos, tentou subir na parreira, mas não conseguiu.*

*Depois de muito tentar foi-se embora, dizendo:*

*Eu nem estou ligando para as uvas. Elas estão verdes mesmo...* (ROCHA, 1996, p.25)

Antes sob o rótulo de tradutora, Ruth Rocha promove uma adaptação<sup>7</sup> das fábulas de Esopo. Mantendo seu caráter direto e sua moral explícita, a autora opta por uma linguagem muito simples e coloquial. Tal escolha tem em vista o público alvo, infanto-juvenil, da obra. É interessante notar como a faixa etária do público-alvo das fábulas muda através dos tempos e, agora na modernidade, os textos fabulares se tornam infantis ou adultos a depender do uso de cada autor.

## 5 CONCLUSÃO

A partir das exposições feitas neste trabalho, procuramos enfatizar as mudanças que cada tempo, ou ainda, cada autor, produziram em uma mesma história. Buscando inovar ou ainda somente dar novo aspecto às fábulas, autores e/ou “tradutores” produziram ao longo de mais de vinte séculos muitas e diferentes morais e formas de narrativas.

Buscando uma conclusão que possa provocar uma maior generalização a partir deste trabalho, inferimos que, no geral, as releituras modernas buscam dar ao leitor maior poder interpretativo: “A moral da história tem a desvantagem de impor a interpretação da leitura, condicionar a leitura. Sem a moral, o leitor tem a obrigação de remontar o sentido, algum sentido, o que faz com que apareçam múltiplas interpretações. Entra em jogo a inventividade do leitor, que vai entender a história de acordo com suas posições.” (SCHÜLER, 2004)

Quanto ao desfecho que a modernidade encontra para *A raposa e as uvas*, talvez seja possível afirmar que a mentalidade da sociedade atual transparece nas releituras sob o jargão “querer é poder”, enquanto que as leituras clássicas parecem recair no provérbio “quem desdenha, quer comprar”. O foco parece mudar do desdém apresentado nos clássicos para a (in)capacidade de se atingir um objetivo. Notamos também que a troca do valor moral que a fábula carrega propicia versões em que a raposa conseguiu, de fato, as uvas.

Mais uma vez ressaltamos que tais textos são melhor compreendidos, analisados e contextualizados pela ótica da *imitatio* do que pela ótica pós-romântica da busca pela originalidade. Releituras não só fazem parte da tradição literária como são a base para a “evolução” dos gêneros e não merecem ser vistas como algo simplório ou de menor valor.

## POSSIBILITIES OF “THE FOX AND THE GRAPES”

### ABSTRACT

Critics usually consider texts that work on the basis of a well-established tradition as minor ones, for their "lack of creativity". Specially we are treating texts which are read like a re-lectures or adaptations. In this paper we are specially interested in considering the case of those texts read as a adaptations or re-lectures, using an approach based on the concept of *imitatio*, a roman aesthetic concept. It recommends an adaptation of literary tradition without

the concept of originality to be considered. We will consider fables genre, meanly re-lectures of “The Fox and the grapes”, because it seems to bring many examples of these texts.

**Keywords:** Imitatio. Literary tradition. The Fox and the Grapes. Fables.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Mestranda – Universidade Federal do Paraná.
- <sup>2</sup> É muito tênue a fronteira que delimita até onde podemos chamar de traços da tradição ou de reaproveitamento – ou até mesmo plágio – as relações entre as obras. Não será objetivo deste trabalho discutir essas fronteiras muito pouco demarcadas; no entanto, essa é uma questão que não é só pertinente, como está presente implicitamente na nossa discussão.
- <sup>3</sup> Literalmente: “Aqueles que estas coisas fazer não podem, elevam as palavras, isto deverá gravar um exemplo para si.”
- <sup>4</sup> Delfim da França era o título do provável sucessor da coroa francesa durante as dinastia Valois e Bourbon. La Fontaine dedica a obra a Luís de Bourbon (1661-1711) filho de Luís XIV, o Rei-Sol. No ano de publicação, 1668, o príncipe contava com 6 anos.
- <sup>5</sup> Claro que esta comparação é por demais simplificadora já que comparamos grandes períodos de tempo e espaços geográficos diferentes. Queremos antes levantar esse tipo de discussão – o quanto a moral de uma cultura pode ser expressa pelas fábulas que possuem - do que determinar com precisão qual a moral de cada época.
- <sup>6</sup> Citações de *Finnegans Wake*, trad. Donaldo Shüler, p.152-9.
- <sup>7</sup> Neste trabalho não entraremos na longa e espinhosa discussão sobre autoria, tradução e adaptação. Para uma discussão sobre o assunto, REISS, Katharina e VERMEER, Hans. *Fundamentos para uma teoria funcional de la traducción*. Madrid: Akal, 1984.

## 6 REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Arte poética*. Lisboa: INCM, 2000.
- ARISTÓTELES. *A retórica*. Lisboa: INCM, 2000.
- ESOPO. *Fábulas de Esopo*. Trad. Antônio Carlos Vianna. Porto Alegre: L&PM, 1997.
- ESOPO, *Fábulas de Esopo*. Trad. Ruth Rocha. São Paulo: FTD, 1996.
- FEDRO. *Fábulas*. Trad. Samuel Pfromm Netto. Campinas: PNA, 2001.
- FERNANDES Millôr. *Fábulas fabulosas*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1978.
- FUJIHARA, Álvaro Kasuaki. Aspectos tradutórios em terêncio. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2006. Monografia de Graduação.
- HORNBLOWER, S.; SPAWFORTH, A. *The Oxford Classical Dictionary*. Oxford: Oxford University, 1999.
- JOYCE, James. *Finnicius Revém*. Trad. Donaldo Schüler. São Paulo: Editorial. 2001. v.3.
- LA FONTAINE, Jean de la. *Fábulas de La Fontaine*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989. v. 1.
- LOBATO, M. *Fábulas*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- NOVA ENCICLOPÉDIA BARSA. v. 6. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1998.
- PHAEDRUS, *Appendix Perottina Fabularum Phaedri*. Disponível em <http://www.thelatinlibrary.com/phaedrapp.html> Último acesso em 3 de março de 2007.
- PORTELLA, O. A. A fábula. *Revista Letras*. Curitiba: Vicentina, 1983. Último acesso em 12 de fevereiro de 2007.
- ROSSI, Reginaldo. *A raposa e as uvas*, do disco A raposa e as uvas. Disponível em <http://www.cifraclub.com.br/rossi/raposa.html> .Último acesso em 11 de fevereiro de 2007.
- SOARES, Jô. Desfabulando. *Revista Veja*, 1º de abril de 1992.

SCHÜLER, Donaldo. Entrevista. *Revista Paradoxo*, 11/06/2004. Disponível em <http://www.revistaparadoxo.com/materia.php?ido=1087> Último acesso em 21 de abril de 2007.